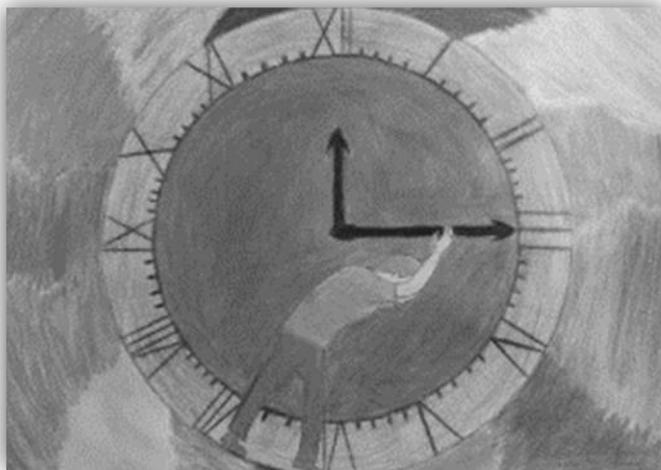


17º Evento Anual de Prática Exploratória: “Eu tenho pressa e tanta coisa me interessa”



RESUMOS

OFICINAS SIMULTÂNEAS

14h00 – 15h00

1. **The “Zoeira” Never Ends** (sala F400A)

Por que algumas coisas passam tão rápido e outras tão devagar (na escola e na vida)? Nessa oficina os participantes terão a oportunidade de brincar com o tempo, o ritmo e tudo aquilo que faz as atividades passarem mais rápido ou mais devagar.

Coordenação: Sabine Mendes Moura, Clarissa Ewald, Walewska Braga.

2. **Oficina do Teatro do Oprimido: identidade e desconstrução** (sala F402)

Exercícios teatrais que trabalham a busca por solução para situações cotidianas de opressão.

Coordenação: Ana Cristina Menezes, Gabriel Leibold, Yasmim Barros e o grupo #teatrodossonhos: Alan Martins, Arthur Barbosa, Alex Sandro, Beatriz Medeiros, Carlos Santos, Felipe Salles, Felipe Nunes, Emilly Santos, Gabriela Lira Prattes, Iago Souza, Joao Alex, Kathariny Drew, Matheus Rosa e Najla Ferreira, alunos da 1901 da Escola Municipal São Tomás de Aquino

3. **Por que tanta pressa?** (sala F408)

Parece que estamos sempre correndo contra o tempo. Cada um tem a sua pressa, o seu puzzle - papo-cabeça exploratório.

Coordenação: Marcia Reis, Beatriz Machado,

SESSÃO DE PÔSTERES

(RESUMOS)

1. **“Mas teacher, por que ‘like’?”**

Neste pôster, apresento uma Atividade Pedagógica com Potencial Exploratório (APPE) realizada com meus alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II. A APPE não havia sido previamente planejada, mas foi realizada e motivada pelo não entendimento dos alunos em relação à expressão “What’s ... like?”. Após a realização da APPE, percebi que os entendimentos por parte de meus alunos são múltiplos e muito ricos, indo muito além das minhas expectativas iniciais.

Thelma Christina Ribeiro Côrtes - PPGEL/PUC-Rio, Colégio Curso Martins

2. Shakespeare

This poster presents a Potentially Exploitable Pedagogic Activity (PEPA) carried out with fourth and fifth graders. As exploratory practitioners, teacher and learners took actions for understanding (Allwright & Hanks, 2009) puzzles in the classroom. The learners expressed their interest in Shakespeare by asking questions and deciding if their questions were possible or impossible to be answered, or if they required further research.

Mara Regina de Almeida Griffo, Clara Sant'ana Guimarães, Isabella Affonso Velho, Frederico Aversa Masson, Lucas Becattini França, Maria Victoria Monaco Salciarini, Sophia Pereira Broitman, Valentine Ribeiro Muniz, João Miguel Darigo, Bernardo de Souza Viana e Vilhena de Carvalho, Beatriz Abelha Pinheiro, Victória Gabriela Figueiredo de Souza - Escola: Associação Educacional Miraflores.

3. Why don't they do it?

This poster deals with the understanding (E.P.) of a puzzle presented by a group of four pre-teens boys in a Language School, in Rio de Janeiro, Brazil. The puzzle presented itself through their disengaged behaviour regarding classroom routine. PEPA's for understanding were carried out in three moments. The choice was to make use of an adapted writing activity from the syllabus. A short story had a plot specially prepared to be finished by them. After they had finished they shared and discussed among themselves their individual solutions for the proposed story.

Christine Elizabeth Dickinson - Ann Arbor Language School

4. Por que a escola AEN é resistência?

O objetivo deste trabalho é procurar entender as razões pelas quais uma escola em Niterói se autodenomina "resistência". Que entendimentos desta palavra afloram da atividade exploratória conduzida em sala? Tais entendimentos dialogam de alguma forma? Como estas definições contribuem para construir uma visão da instituição? Elas satisfazem às desconfianças e anseios da pesquisadora?

Débora Muramoto Alves de Castilho e alunos – professora e estudante de mestrado da PUC-Rio

5. Why is it difficult to prepare for international exams?

Considering students' and teachers' comments on doing the international exams such as (Cambridge and TOEFL), I have observed that students and teachers have been trying to understand the difficulties in each section of the exams. How should students approach the exams to succeed? A total of 3 teachers and 5 students replied and answered my puzzle. The results of this inquiry can be seen on the poster.

Elisa Maria Bazhuni Cezar - PUC-Rio; Exploratory Practice Group.

6. Why do I feel too uncomfortable about my English classes? Why do I feel I am not giving good English classes?

O presente pôster relata reflexões sobre a qualidade das minhas aulas de inglês com base nas respostas dos alunos de 8º e 9º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio da rede pública do Estado do Rio de Janeiro.

Emanuelle Fonseca Souza - CIEP 052, UERJ/FFP

7. Os diferentes silêncios

O silêncio é sempre negativo? O que ele pode revelar? Após refletir sobre meu incômodo com os momentos de silêncio em aula, resolvi tentar descobrir se meus alunos compartilham este sentimento.

Luciana Madureira - Professora particular

8. Por que temos que aprender as regras da sala de aula?

Já com um pé no próximo ano, alunos da Turma 5 entrevistaram seus colegas da Turma 6. Usando *modal verbs* nas perguntas, que era o conteúdo lição, visitaram a sala de aula de seus colegas para tentar entender como funcionam suas regras. Depois, analisaram as respostas percebendo que alguns colegas estavam 'zoando'.

Clarissa Ewald - Escola Alemão Corcovado.

9. Uma jornada através dos temas/pesquisas da P.E.

Palavras, ações, "puzzles", qualidade de vida, reflexões... neste trabalho será apresentado um levantamento das questões que interessam aos praticantes de Prática Exploratória em pesquisas nos cursos de especialização, mestrado e doutorado ao longo dos anos.

Ricardo Benevides - CEFET-RJ

10. Why didn't you take the book?

Três alunos explicam porque esqueceram os livros de leitura em inglês que tinham ganho da professora.

Dante Franco Salinson, Dimitri de Barros Schnell, Tomás Cunha e Maria Isabel Cunha – Alunos particulares e professora.

11. Por que a sala de aula de inglês pode ser um espaço de ousadia?

O poster mostra o trabalho de reflexão feito pelo grupo #teatrodossonhos a partir da abertura do espaço da sala de aula de inglês e como o grupo entendeu ser possível criar e descobrir muito sobre cada um por meio do teatro.

Grupo #teatrodossonhos: alunos da turma 1901 da Escola Municipal São Tomás de Aquino, 2ª CRE; Ana Cristina Menezes de Faria - PIBID-PUC-Rio; Gabriel Leibold - PUC-Rio.

12. Horário integral é legal?

A partir de um texto do livro didático sobre a rotina de uma aluna australiana, a turma 1702 da Escola Municipal São Tomás de Aquino e a futura professora Lorena Araujo refletem sobre o horário integral nas escolas do Rio de Janeiro.

Turma 1702 da escola Municipal São Tomás de Aquino, Lorena Araujo e Aline Martins, PIBID - PUC-Rio.

13. What's a cool classroom?

Após participarem de uma mesa redonda sobre "a sala de aula legal", os alunos da 1801 da escola Municipal São Tomás de Aquino buscam entender o assunto através de pesquisas envolvendo os colegas, os funcionários e a vizinhança da escola.

Rayane Cortez, Davi Pacheco, Erika Rodrigues, Patrick Santana, Roger Ferreira, Hudson Marques – Escola Municipal São Tomás de Aquino.

14. Por que estamos sempre buscando a paz?

Enquanto a turma 1901 estudava o texto (do livro didático) sobre a beleza e a paz da Patagonia, os alunos vivenciavam uma rotina de violência no Leme. O poster mostra a reflexão do grupo, através de “pictures and words” dos alunos, sobre a eterna busca de paz.

Nikita Sirkrist, Wanderson Silva e alunos da 1901 da Escola Municipal São Tomás de Aquino, 2ª CRE.

15. Professora... inglês você sabe falar e o português da comunidade, você sabe?

O poster mostra um momento de troca entre a professora de inglês e 4 alunos da turma 1801 da Escola Municipal São Tomás de Aquino, 2ª CRE e nos convida a refletir sobre quem ensina o quê a quem, quando e etc.

Geylson Magalhães, Thais Elias, Gabriela Martins e Aline Malheiros, alunos da 1801 da Escola Municipal São Tomás de Aquino.

16. "Estágio Supervisionado II de Inglês: puzzles e entendimentos sobre minha aula-prova"

Na disciplina de Estágio Supervisionado II de Inglês da PUC-Rio, os alunos precisam dar uma aula-prova no fim do estágio. Além disso, a professora da disciplina - Inés Miller - assiste essa aula. Este pôster, portanto, tem o objetivo de apresentar meus puzzles e entendimentos com relação à minha aula-prova, em uma escola particular da zona sul do Rio de Janeiro.

Aline Martins - PUC-Rio, Projeto PIBID-PUC-Rio, subprojeto de inglês.

17. Co-creating a community of practice: why is it so challenging?

One of the challenges we face when it comes to teacher development programs is that all of them rely on the teachers' willingness and abilities to self-direct. It is our belief that only by involving teachers we can expect higher levels of commitment and more solid engagement. My puzzle is related to the challenges of co-creating a community of practice which places learning/teacher development in the relationship between the individual and their own professional environment. To help us in our reflections, feel free to join in and *post-it* your contributions.

Marcia Oliveira Maciel Franco Reis – Cultura Inglesa e Colégio A.Liessin.

18. Um estudo de caso exploratório: trabalhando para entender a formação do professor de Inglês.

O trabalho nasce de experiências pessoais da pesquisadora acerca de suas vivências ainda no curso de graduação até sua ida pra o mercado de trabalho e o desencontro dos discursos percebido por ela nessas instituições. Essa investigação se dá através de uma entrevista exploratória onde a praticante retoma contato com uma docente da instituição onde realizou sua graduação e a indaga sobre os processos e as escolhas tomadas no processo de formação de professores.

Carolina Barqueta – Cultura Inglesa.

19. Por que a turma 1701 precisa falar de educação?

O pôster dos alunos da turma 1701 traz paródias compostas pelos próprios alunos a partir de reflexões e debates sobre **educação**, realizados ao longo do ano nas aulas de português na Escola Municipal São Tomás de Aquino.

Ana Carolina Gomes, Larissa Villardo, Luciana Torres, Raquel Bauer, Leila de Lima – Escola Municipal São Tomás de Aquino e Yasmin Barros - Projeto PIBID PUC-Rio.

20. Por que as pessoas têm dificuldades para ler livros?

21. Por que as pessoas não seguem as leis?

Pôsteres realizados por alunas do ensino médio participantes do Programa de Integração Universidade, Escola e Sociedade da PUC-Rio sobre a partir de debate entre elas e entrevistas com alunos e funcionários da PUC-Rio.

Sabine Mendes Moura e alunos do PIUES, PUC-Rio

22. Por que a escola é inútil para o aluno?

Pôster realizado por um grupo de professoras de inglês, português e licenciandas a partir de seu trabalho na Oficina de Prática Exploratória da Semana de Letras da Universidade Veiga de Almeida.

Professoras de inglês, português e licenciandas - Universidade Veiga de Almeida.

23. Estágio Supervisionado no Curso de Letras sob a Influência de Crenças: Por que o estágio pode trazer tantos conflitos para professores em formação?

Apresentamos, neste pôster, as reflexões de uma professora formadora e oito professores em formação inicial, que buscam entender as questões instigantes resultantes da observação e das leituras da disciplina de Estágio Supervisionado em contextos especiais no Curso de Letras. Trata-se de um EC (YIN, 2003; ANDRÉ, 2007) norteado pelos princípios ético-inclusivos da Prática Exploratória (ALLWRIGHT, 1991; 2003b; MILLER, 2010; ALLWRIGHT; HANKS, 2009), fundamentado pelos estudos acerca de crenças (BARCELOS, 2001) e pelo ensino reflexivo e crenças (RICHARDS; LOCKHART, 1996). O uso de ARPEs (MORAES BEZERRA, 2007) neste contexto contribui para uma postura questionadora, reflexiva e ética de todos os participantes.

Nossos puzzles: Por que não tenho puzzle? E agora? Por que me preocupo em ser significativa para meus alunos? Por que nos cobram aulas criativas se não temos essas aulas? Por que temos de buscar experiência em outras escolas se já temos (a maioria de nós) nossas próprias experiências como professoras? Por que a maioria das instituições de ensino de línguas (escolas de idiomas) acredita que “não é permitido” o uso da tradução para o ensino da segunda língua? Por que o professor parece desmotivado quando os alunos não demonstram o desempenho esperado? Por que alunos oriundos de escola pública não se interessam tanto pelo ensino da língua inglesa como os da escola privada?

Alberson Santos da Silva, Kleber Alves Nascimento Brito Filho, Loise Amaral Soares, Rebeca Bernardo Jesus da Silva, Gysele da S. Colombo Gomes - UERJ/FFP. Leandro Bonin de Andrade - UERJ/FFP e Curso CNA, Louise Ferreira da Silva - UERJ/FFP e Curso Comunitário da UERJ, Ursula Cristina Dos Santos Batista - UERJ/FFP, Centro de Ensino Prado e Borges e True English Course.

24. Por que os meus alunos parecem não me escutar?

Este pôster reflete a busca por entendimentos do contexto de ensino/aprendizagem que estou inserida. O puzzle “Por que os meus alunos parecem não me escutar?” surgiu a partir da minha inquietação diante do comportamento apresentado pelos meus alunos durante as aulas Inglês que leciono numa escola de idiomas localizada em Niterói. UERJ-FFP

Raquel Sampaio - CNA e UERJ-FFP

25. Refletir sobre a produção oral da língua inglesa durante as aulas.

Pensar, refletir, entender e questionar sobre a produção oral nas aulas de Língua Inglesa com base na Prática Exploratória. Trago relatos dos alunos sobre suas expectativas em relação a produção oral em inglês. Junto com os alunos, questiono a importância das atividades em aula para o desenvolvimento da Língua Inglesa.

Beatriz dos Santos Machado - Professora de Língua Inglesa em empresas

26. Mindfulness and Exploratory Practice

This poster presents the research carried out with fourth and fifth graders who were introduced to the practice of Mindfulness in the classroom. As exploratory practitioners, teacher and learners worked to understand their puzzles (Allwright & Hanks, 2009) through Potentially Exploitable Pedagogic Activities (PEPA).

Mara Regina de Almeida Griffo - Escola: Associação Educacional Miraflores, Especialização PUC-Rio.

27. E quando o Aluno é o Protagonista de seu Aprendizado?

Neste pôster, bolsistas do Subprojeto Letras-Inglês do PIBID/PUC-Rio propõem reflexões norteadas pelos princípios da Prática Exploratória. Atividades Pedagógicas com Potencial Exploratório desenvolvidas nas aulas de Inglês de duas turmas do primeiro segmento do Ensino Fundamental da Escola Municipal São Tomás de Aquino (2ª CRE) serão exibidas e discutidas. A partir do conteúdo "Clothes" sugerido pelo livro didático, abre-se espaço para a realização de uma Atividade Pedagógica com Potencial Exploratório: um desfile de moda. Através dela, vida e conteúdo se inter-relacionam na medida em que os alunos têm a oportunidade de apresentar suas próprias roupas para toda a comunidade escolar, sentindo-se, assim, agentes da co-construção do conhecimento. Outra atividade visando a promoção da autonomia deu-se a partir da unidade “Nationalities”, através da qual professora e bolsistas empenharam-se em instigar a curiosidade dos alunos sobre os países falantes da Língua Inglesa, incentivando a pesquisa e a produção de uma exposição para o “Good Morning English Day”, realizado na escola anteriormente citada.

Amanda Motta, Ana Clara Félix, Josiele Duarte, Júlia Interlenghi, Ana Beatriz Nunes Simões - Projeto PIBID/PUC-Rio, Escola Municipal São Tomás de Aquino.

28. Entendendo o lugar da gramática em minha sala de aula a partir de ações exploratórias.

O trabalho que apresento baseia-se nos questionamentos sobre o meu fazer pedagógico no que tange a um ensino significativo da gramática sob a perspectiva da Prática Exploratória. Os princípios que orientam a abordagem de ensino da Prática Exploratória (ALLWRIGHT & HANKS, 2009), possibilitaram priorizar, sobretudo, a qualidade de vida em sala de aula assim como desenvolver um trabalho voltado para a sustentabilidade (ALLWRIGHT & HANKS, 2009) da minha prática docente. À medida que fui aprofundando o meu olhar para a prática de ensino da gramática, crenças (RIBEIRO, 2010; LEITE, 2012; BARCELOS e ABRAHÃO, 2006; BARCELOS, 2004) foram surgindo

sobre esse ensino e, dessa forma, colaboraram para a minha reflexão assim como para a preparação de atividades pedagógicas com potencial exploratório (APPE) (ALLWRIGHT, 2005) que visaram à reflexão sobre os usos da língua a partir de uma perspectiva discursiva.

Patrícia Graeff Viana Liquieri Ribeiro - FFP-UERJ

29. Avaliações Reflexivas: por que as reflexões não podem parar!

Por entender que a avaliação faz parte da produção de conhecimento, e ainda por me coadunar com a visão de que o aluno deve ser uma figura atuante no processo de aprendizagem em todas as etapas (ALLWRIGHT & Hanks, 2009; ANTUNES, 2006), para este pôster busco trazer reflexões acerca do processo de avaliação, no modelo formal, ou seja, um teste e uma prova sobre conteúdos gramaticais trabalhados em sala, sobre a integração desses conteúdos com os temas transversais presentes no livro didático adotado e as reflexões que apareceram nas discussões e atividades realizadas nas minhas turmas de 8º e 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola privada do município de São Gonçalo, RJ. Acredito em um processo contínuo, integrado e não pontual de avaliação. Conforme apontam os proponentes dos PCN-LE, “a função da avaliação é alimentar, sustentar e orientar a ação pedagógica e não apenas constatar um certo nível do aluno” (BRASIL, 1998:79). Ainda de acordo com os PCN-LE (1998:79), “a avaliação é parte integrante e intrínseca ao processo educacional, indo muito além da visão tradicional, que focaliza o controle externo do aluno por meio de notas e conceitos”. Nesse documento são apontadas as possibilidades de se fazer avaliação formativa interativa em que os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem – professor e alunos – dirigem um olhar sobre si e sobre o processo. Assim, por estes motivos me propus, em conjunto com meus alunos, e dentre muitas outras questões, a trabalhar para entender o que é avaliação, pensando nesse conceito a partir da abordagem e dos princípios éticos da Prática Exploratória (ALLWRIGHT and HANKS, 2009; MILLER et. al., 2008; MORAES BEZERRA, 2003, 2007).

Thaís Pereira da Silva - FFP-UERJ

30. “Professora, eu leio, quer ver?” Trabalhando para entender as práticas de leitura dos alunos dentro e fora da escola

Essa dissertação, apoiada nos princípios balizadores da Prática Exploratória, traz a sua contribuição ao configurar um trabalho para entender as práticas de leitura dos aprendizes, os quais constituem uma turma do nono ano do ensino fundamental de uma escola pública estadual do Rio de Janeiro. Inserida no paradigma da pesquisa qualitativa, a Prática Exploratória (ALLWRIGHT & HANKS, 2009 ; MILLER, 2013; MORAES BEZERRA, MILLER & CUNHA, 2007). articula a minha atividade de pesquisa com a minha prática docente, pois são seus princípios e orientações que me auxiliam, bem como aos meus alunos, no movimento de reflexão e de elaboração de atividades que construam entendimentos acerca das suas práticas de leitura. Nesse estudo, os dados foram gerados a partir de um processo de ensino e de aprendizagem que considerou as múltiplas epistemes coexistentes dentro do ambiente escolar, de modo que não apenas os conhecimentos hegemônicos, legitimados pelos currículos escolares, tivessem espaço dentro da sala de aula. Assim, este trabalho assume uma perspectiva que preconiza o diálogo e o reconhecimento dos alunos também como agentes do ensinar e do aprender, numa lógica educacional democrática e crítica-reflexiva. Nesse sentido, aos conceitos de leitura e de literatura subjazem, nessa dissertação, o aspecto da diversidade e a premissa de que as concepções e os conhecimentos são cultural, social e historicamente situados.

Andréia Mello Rangel - FFP/UERJ

31. Trabalhando para entender o engajamento de alunos em sala de aula de LEC

Como bolsista voluntária do projeto de Iniciação à Docência "Ensino de Inglês para crianças: formando professores reflexivos" e como professora de uma escola da rede particular de ensino em S. Gonçalo, ao longo da minha caminhada senti-me intrigada com o comportamento dos aprendizes-crianças em sala de aula. Por isso, como praticante exploratória, parti do puzzle: "Por que percebo maior engajamento e/ou motivação dos meus alunos em determinadas atividades e/ou situações de ensino-aprendizagem do que em outras?" a fim de investigar, através de uma escuta sensível e observação atenta em relação aos discursos e atitudes dos alunos, que elementos podem colaborar para o despertar da motivação e da vontade de aprender a língua inglesa por parte desses alunos. Da mesma forma, busquei entender como essas questões implicam na qualidade de vida em sala de aula. Conforme Allwright (2010) reflete é melhor que aprendizes e professores tenham uma relação mais próxima, de confiança, ao invés de distância e medo. Esse trabalho pedagógico e reflexivo tem sido norteado pela Prática Exploratória, a qual, para Miller (2013, 2011), Moraes Bezerra, Miller e Cunha (2007) envolve um conjunto de princípios para que auxiliem o professor reflexivo a entender a complexidade do ambiente em que alunos e professores estão de forma colaborativa.

Luani Bernachi - FFP/UERJ

32. Refletindo sobre representatividade de uma *family* no ensino de LEC: puzzles, discussões, surpresas, escuta, processo, aprendizagem.

O projeto de iniciação à docência "Ensino de Inglês para crianças: Formando professores reflexivos" volta-se para o Ensino Fundamental I. Esse projeto prioriza um ensino reflexivo, o planejamento coletivo das aulas, além da produção do próprio material didático a partir de uma perspectiva lúdica e reflexiva, tendo como base a Prática Exploratória (MILLER, 2013; ALLWRIGHT & HANKS, 2009; MORAES BEZERRA, 2011), a teoria vygotskyana (VYGOTSKI, 1987; OLIVEIRA, 1993), e questões sobre o ensino de língua estrangeira para crianças (ROCHA, COSTA, SILVA, 2006; ROCHA, 2007). Na prática docente, construída a cada aula em uma escola municipal de S. Gonçalo, a língua inglesa é trazida como elemento que provoque reflexões sobre si, sobre a sociedade e o mundo. Como consequência dessas reflexões, surgiu, em uma das turmas, durante uma atividade de recorte e colagem com revistas, parte da unidade "My Family and I", uma questão que incomodou os pequenos aprendizes, a qual, pela escuta das licenciandas, originou o nosso puzzle: "Por que minha *family* não está representada nas revistas?" Buscamos, diante dessa atividade, refletir acerca desse incômodo dos alunos, propondo uma Atividade Pedagógica com Potencial Exploratória que evidenciasse suas vozes, acolhendo seus questionamentos. Assim, eles puderam desenvolver sua criticidade, compartilhando suas ideias, opiniões e entendimentos diante do tema.

Isabel Cristina Rangel Moraes Bezerra, Andressa Jardim Ferreira, Andreza dos Santos Avelino, Ester Luiza dos Santos Souza, Kayre Eduardo Netto Lopes Ramon, Luani Fernandes Bernachi, Monike Ribeiro dos Santos - FFP-UERJ

33. "Por que refletir sobre questões raciais no ensino de língua inglesa?": licenciandos exploratórios pensando a sua formação.

Apoiados nos princípios e na abordagem ético-inclusiva da Prática Exploratória (MILLER, 2010, 2011, 2013; ALLWRIGHT & HANKS, 2009) trazemos a pesquisa ainda iniciante, como bolsistas de iniciação científica, ao refletir sobre questões raciais no ensino de língua inglesa, analisando a representação do negro em alguns livros didáticos, entrelaçada a reflexões construídas por estudantes de Letras. Dessa forma buscamos problematizar possíveis implicações para a construção de identidades dos licenciandos e dos aprendizes. Apoiados em Shotter (1989:137 apud MOITA LOPES, 2003) não relacionamos identidade à subjetividade interior dos aprendizes, mas "a processos sociais que acontecem entre as pessoas". Partimos do entendimento que essa construção se dá através do outro em práticas discursivas, ou seja, "aprendemos ser quem somos

nos encontros interacionais de todo dia (MOITA LOPES, 2003:16). A sociedade brasileira tem sua população muito miscigenada, contudo, ainda há muitos casos de racismo extremo, sendo por isso preciso abordar essa questão em sala de aula e durante nossa formação uma vez que esses momentos de reflexão podem ser potenciais oportunidades de aprendizagem (ALLWRIGHT, 2005).

Ana Beatriz Cardoso do Nascimento e Wellerson da Silva Ferreira - FFP/UERJ

34. Halloween: Quando Autonomia e Autoestima se encontram

Bolsistas do Subprojeto Letras-Inglês do PIBID/PUC-Rio procuram por meio deste trabalho expor seus entendimentos sobre a atividade com foco temático “Halloween” realizada com alunos do 7º ano da Escola Municipal George Pfisterer no mês de outubro de 2016. A partir da percepção de que os alunos se encontravam desmotivados nas aulas de Inglês, professora e bolsistas PIBID sugeriram a atividade sobre o tema mencionado como tentativa de estímulo à autonomia dos estudantes e, possivelmente, ao aumento de motivação. Com subtemas pré-selecionados pela professora e bolsistas diante do repertório apresentado pelos alunos na discussão introdutória sobre o “Halloween”, os estudantes encontraram liberdade para desenvolver como quisessem os tópicos do tema pelos quais ficaram responsáveis. Na reflexão sobre os trabalhos montados e na fala de alguns alunos sobre suas próprias produções, professora e bolsistas notaram interessante relação entre autonomia e autoestima.

Amanda Motta, Ana Clara Félix, Josiele Duarte, Júlia Interlenghi, Sabrina Medeiros, Julia França de Lima - Projeto PIBID/PUC-Rio, Escola Municipal George Pfisterer.

35. “Surpresa!?” Envolvimento , afeto e diálogos em uma turma de aceleração

As perspectivas da prática exploratória no envolvimento de uma turma de projeto de aceleração de escolaridade com um grupo de formandos em Letras do PIBID/PUC RJ.

Nesta busca por entendimentos mais profundos surgiram algumas questões que foram levantadas por alunos, professor e formandos de Letras da PUC RJ. O que representam para cada aluno e para a turma de ensino fundamental a presença dos formandos em Letras participantes do grupo PIBID? O que trazem para cada um e para todos? Como era a turma antes e depois da chegada do PIBID? Eles ajudam de que forma? Como expressar a sua importância, por meio do uso da língua portuguesa? Qual o nível de envolvimento pessoal do grupo PIBID com os alunos? Houve crescimento do grupo em relação ao início do ano?

Rosenilde Oliveira Costa e Silva, Thauany do Nascimento Vigar, Joana Soares Gomes, Douglas Firmino dos Santos, Clara dos Anjos do Amaral de Souza, Alexandre Oliveira de Souza, Beatriz de Castro Barreto - Projeto PIBID/PUC-Rio, Escola Municipal São Tomás de Aquino.

36. "Professora, você sonha?"

Em meio ao contexto das Paralimpiadas, uma frase do atleta paralímpico, Alan Oliveira, gerou reflexão para alunos, bolsistas e professora. ("It doesn't matter what you dream what matters is to dream and make it come true")

Amanda Motta, Ana Clara Félix, Josiele Duarte, Júlia Interlenghi, Sabrina Medeiros, Julia França de Lima - Projeto PIBID/PUC-Rio, Escola Municipal George Pfisterer.

37. Por que meu grupo de alunos adolescentes gosta tanto de Snapchat?

A pergunta surgiu em uma sala de aula do curso de inglês onde leciono. O grupo em questão é uma turma pequena de sete alunos adolescentes cujas idades variam de 14 a 16 anos. Em determinado momento, interrompi a aula ao perceber que meus alunos tinham os celulares em mãos e faziam caretas e poses para tirar “selfies”. Foi então que perguntei a eles por que gostavam tanto do aplicativo chamado Snapchat uma vez que eu não entendia o propósito de se postar ou enviar fotos e vídeos engraçado que desapareceriam em um período de 24 horas. Os alunos me explicaram e responderam a cada um de minhas perguntas. Uma resposta que me chamou a atenção foi esta: “Ninguém entende antes de estar lá”. Levando essa e outras respostas em consideração, resolvi instalar o aplicativo e tentar usá-lo. Algum tempo depois, fiz a pergunta do título para meus alunos e expliquei que gostaria de realizar uma atividade pedagógica com potencial exploratório com eles. Pedi que fizessem uso de seus aplicativos para documentar uma de nossas aulas. Eles poderiam me adicionar no Snapchat se quisessem. Surgiram algumas impressões interessantes e inesperadas.

Mariana Caldas - Cultura Inglesa

38. Why do my students and I enjoy having ludic activities in our English classes?

The objective of this research is to understand the reason why I am so interested in offering my students ludic tools in their learning process and also the reason why they respond positively most of the times. My intention is to understand the important issues which take place in between and during these ludic activities. Positioning myself as an Exploratory Practice practioner I decided to organize a group work with 4th and 5th grades in which students were supposed to create a ludic activity according to a given grammar content.

Fabiola Luciele da Silva Carvalho – Colégio PH

39. Why is the noise inside the classroom louder than the shooting outside?

The amount of indiscipline covering all corners of the small classroom overcomes not only the shooting from police against the bandits, but also air raid of the helicopters and “Caveirão”, an armored police van, that are taking part in this operation. While inside the classroom students and teacher try to understand what is going on.

The purpose of this research is to investigate why the noise inside the classroom is louder than the shooting outside as well as my students’ lack of interest in studying English language.

The contributions of EP to understand the relations of these deadly noises, inside and outside, takes into account that sustainability has found its way via the continuation of the class with its topics and both students and teacher collaborating to try to understand the puzzle.

Irio Ricardo Nunes – Especialização *Latu senso* PUC-Rio

40. O porquê dos porquês

Neste conjunto de puzzles, alunos, professora e estagiária de turmas do primeiro ano do Ensino Médio de uma escola pública localizada no município de Niterói buscam refletir sobre questões instigantes sobre a vida dentro e fora da escola. Os praticantes exploratórios assistiram juntos ao filme "Preciosa - uma história de esperança",

como uma atividade integrante da Semana de Cultura e Africanidades realizada na primeira semana de Novembro. Após a exibição do filme, em debate conjunto, buscaram entrelaçamentos entre os textos trabalhados ao longo do semestre sobre estereótipos dos brasileiros, americanos e britânicos com o que vivenciam nos contextos em que estão inseridos. Depois, registraram os *puzzles* que emergiram da discussão durante a APPE (Atividade Pedagógica com Potencial Exploratório) em mini-pôsteres que formam o conjunto desta apresentação.

Evellyn Juliane da Rocha Brandão (Colégio Estadual Machado de Assis - PUC-Rio / NEPPE-FFP), Luani Fernandes Bernachi (UERJ-FFP/NEPPE-FFP), Beatriz Oliveira de Almeida, Milene Loureiro de Oliveira, Thomas dos Santos Coimbra, Thiago dos

Departamento de Letras da PUC-Rio / Grupo da Prática Exploratória